

A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS EM *GLI INDIFFERENTI* DE ALBERTO MORAVIA: QUESTÕES DO TEMPO E DA MEMÓRIA

Marinês Lima Cardoso - (mestranda em Letras
Neolatinas, UFRJ)

Resumo

Na presente comunicação discutirei as questões inovadoras aportadas pelo texto *Gli Indifferenti* (1929), de Alberto Moravia (1907-1990) para a narrativa italiana do século XX, em especial, para o *Neorealismo*. Essas questões tratadas nesse momento correspondem a um corte do tema da pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas em desenvolvimento na qual são estudadas as estratégias narrativas no processo de construção das personagens na obra moraviana. Trata-se de uma narrativa na qual a história se passa em um arco de tempo muito curto, porém a história é alongada através do uso dessas técnicas narrativas. A discussão desses conceitos se fundamentará nos textos de Gérard Genette, Angelo Marchese e Walter Benjamin.

A leitura da obra *Gli Indifferenti*, de Alberto Moravia, nos permite apontar várias questões inovadoras na Literatura Italiana do início do século XX relacionadas ao narrador e à personagem. Trata-se de uma obra que apresenta uma família da alta sociedade burguesa sem valores morais, na qual a mãe, Mariagrazia Ardengo, viúva, tem dois filhos: Michele e Carla, que é insidiada por Leo Merumeci, amante de sua mãe, o qual quer tomar posse da mansão da família. Após diversas tentativas de sedução, ele consegue o seu objetivo, mas Lisa, amiga da família Ardengo e sua antiga amante, descobre a história e a conta a Michele. O jovem que não consegue sentir nada, somente a indiferença, tenta matar Leo. Mas a sua tentativa de rebelião é em vão, uma vez que se esquece de carregar a arma com balas. Leo Merumeci casar-se-á com Carla e Michele e sua mãe deverão adaptar-se a esta situação.

A grande novidade do romance *moraviano* é abordar um tema tão sagrado à cultura italiana que é a instituição familiar, por isso, *Gli Indifferenti* causou grande escândalo na sociedade italiana. A obra apresenta um corte de dois dias na vida dessas personagens, pois em apenas quarenta e oito horas, as personagens têm os seus conflitos refletidos e não resolvidos e retornam ao mesmo ponto de partida. Porém, o discurso se alonga através da memória das cinco personagens, mediante o uso de alguns artifícios como o monólogo interior e a alternância entre o tempo cronológico e o psicológico. Esses elementos narrativos permitem a dilatação da história narrada, passando ao leitor a idéia de dias transcorridos.

Trata-se de uma obra, na qual o tempo é fragmentado e conciso. É um discurso em que se alternam o tempo corrido ou cronológico e o tempo interior ou psicológico. No primeiro caso, tem-se o passar das horas, das ações em uma escala que respeita o relógio externo. Percebe-se a presença desse tempo que não é indicado diretamente pelo narrador e sim, implicitamente, através das atividades de uma jornada, como o café da manhã que marca o início do dia e a hora do jantar que sinaliza o final da jornada. Já no segundo caso, as horas parecem não avançar e realmente não o fazem. É o tempo que mostra o íntimo das personagens através de fragmentos de memórias, as quais fazem uma análise da sua existência. Tais reflexões não remetem a um tempo distante, mas correspondem a uma interrupção que se faz no

presente. Pode-se dizer, que se trata de uma linha contínua que é freqüentemente interrompida com os fragmentos das memórias das personagens com as suas reflexões.

O mecanismo narrativo do monólogo interior, instrumentalizado pela memória, reforça a construção da interioridade das personagens, sem aludir a nenhuma característica plástica que permita ao leitor traçar o perfil físico dessas personagens, privilegiando, assim, o aspecto psicológico. Tal procedimento se constitui como a grande contribuição de Alberto Moravia para a decodificação do neo-realismo na Itália.

Desse modo, o leitor contará apenas com o discurso que é cedido às personagens pelo narrador, opinião reforçada por Guido Guglielmi (1998:22), na constituição desse novo personagem estranho aos padrões tradicionais da Literatura Italiana das primeiras décadas do Novecentos. Alberto Moravia é herdeiro do movimento *verista*, o qual apresentava as personagens através da descrição física. Porém, ele rompe com esse quadro de descrição das personagens dentro da Literatura Italiana, pois ele privilegia o aspecto interno das personagens, negligenciando, assim, o aspecto externo.

Segundo Angelo Marchese (1987:177) o monólogo interior corresponde a um tipo de auto-análise que não implica o discurso da personagem nem a presença de um ouvinte, uma vez que o leitor é introduzido diretamente na sua vida interior. Nesse tipo de recurso, as experiências da personagem não são explicadas nem comentadas se não através do fluxo das suas idéias. Não cabe ao narrador formular discursos sobre os pensamentos ou atos das personagens, as palavras são exatamente aquelas que passam na mente das personagens. No monólogo interior, nenhuma interferência é feita pelo narrador sobre a situação ou sobre as ações externas das personagens. Pode-se exemplificar o monólogo interior em *Gli Indifferenti*:

‘sono cretina... ma fino a questo punto no... è passato il tempo che credevotutti buoni, cari, affezionati, gentili... Ora tengo gli occhi bene aperti e non mi lascio più mettere nel sacco... ah! no, mia cara... una volta basta... dunque disilluditi, carina, ho capito tutto... ‘¹

Neste pequeno trecho, tem-se o discorrer dos pensamentos da personagem Mariagrazia que após um encontro com Lisa, pensa que esta está reatando o antigo caso com Leo Merumeci, enquanto Lisa quer se aproximar de Michele. Percebe-se nesse monólogo interior, todo o sentimento de inveja e raiva que ela sente pela amiga devido ao medo que ela tem de uma possível reaproximação dos antigos amantes. O narrador nos apresenta à personagem que pronuncia um discurso a si mesma, subtendendo-se a presença de um interlocutor, uma vez que a personagem se desdobra em duas entidades mentais: o “eu” e o “outro” que trocam idéias ou impressões como pessoas diferentes, (MOISÉS, 2002, p.145).

Através do monólogo interior das personagens, o narrador apresenta o processo de construção das mesmas. Cada personagem é elaborada pouco a pouco mediante o uso dessa técnica que nos possibilita criar um perfil de cada uma. O narrador não as apresenta externamente, mas sim, internamente. Muitos fatos que vêm a ser conhecidos pelo leitor provém diretamente da mente das personagens, das impressões que fatos e pessoas deixam nelas. *Gli Indifferenti* enfoca, em alguns capítulos, cada personagem, dedicando-lhes alternadamente os capítulos em que nos são transmitidos seus pensamentos e sentimentos.

No quarto capítulo, por exemplo, tem-se um grande momento de interiorização de Carla. Ela está sozinha no seu quarto e reflete sobre a sua vida até aquele momento. É como se fizesse um balanço da sua existência: lembra do passado, pensa no presente e faz uma projeção de como será o seu futuro. Através dos móveis e dos objetos infantis, ela se refere à sua infância de modo vago: bonecas dispostas sobre móveis brancos e baixos lhe traziam á
lembrança a

¹ MORAVIA, Alberto. *Gli Indifferenti*, p. 187: ‘sou cretina... mas até a esse ponto não... foi-se o tempo que achavo todos bons, queridos, afeiçãoados, gentis... Agora tenho os olhos bem abertos e não me deixo mais ser enganada... ah! não, minha cara... uma vez basta... Por isso, desiluda-se, querida, entendi tudo...’.

figura de sua mãe que não tendo mais recursos não os substituíra por móveis mais adequados à sua idade:

Restò così per un istante con le mani appoggiate sullo specchio, poi se ne staccò e sedette sul letto; si guardò intorno: la stanza per molti aspetti pareva quella di una bambina di tre o quattro anni.²

Mas o seu quarto não era tão infantil, existiam os objetos de uma menina que cresceu: perfumes, maquiagens e sapatos denunciavam a presença de uma moça. Ela se despia para dormir e olhava os objetos ao seu redor como se fossem entes vivos que seriam abandonados por ela, pois no dia seguinte uma nova vida começaria agora, uma vez que se decidira a entregar-se a Leo. Era a menina, a moça que morria em uma existência cheia de gestos e atitudes indiferentes que não mudam e nunca mudariam para deixar surgir uma mulher. Através dessas reflexões de Carla, percebe-se a ruptura que ela esperava operar em sua vida.

No quinto capítulo, observa-se um fragmento de memória da personagem Lisa. O narrador descreve o seu quarto enquanto ela faz todas as atividades matinais de quem está acordando. Porém, ao mesmo tempo em que ela se levanta da cama, caminha até o espelho e depois até o banheiro, o narrador apresenta as suas reflexões. Ela estava ansiosa com a chegada de Michele, o qual representava para ela um amor puro e jovem. Ele trazia-lhe uma vida inocente depois de todo o tipo de aventura que ela já tivera em sua vida:

² Idem, p. 35: *Ficou assim por um instante com as mãos apoiadas sobre o espelho, depois se afastou e sentou-se sobre a cama; olhou ao redor: o quarto devido aos muitos aspectos parecia o de uma menina de três ou quatro anos.*

‘Dopo la vita che ho fatto’ pensò convinta, ‘fa bene un po’ d’innocenza’.³

Segundo Ângelo Marchese (1987:185) se é possível imaginar uma história sem ações, como, por exemplo, um romance psicológico, parece impossível pensar em uma narração sem personagens, humano ou antromórfico que seja, como os animais protagonistas das fábulas. De fato, a personagem é um elemento indispensável em uma obra ficcional. Tanto é verdade que para uma narração não se tornar uma mera descrição de dados, exige-se que não haja ausências demasiado prolongadas do elemento humano ou de seres antropomorfizados.

Para o crítico italiano, a questão da personagem constitui uma questão importante para a narratologia desde o formalismo russo e, para isso, faz um breve resumo dos estudos propostos por alguns teóricos a respeito da personagem. Para Tomachevsky, por exemplo, a personagem não é uma figura indispensável da narrativa e sim, um meio de ligar os elementos da narrativa. Porém, para Propp, a personagem é considerada como esfera de ação, ou seja, o responsável pelo desenvolvimento da narrativa. Como uma figura intermediária entre os dois críticos se posiciona Chatman, que segundo Marchese, não aceita subordinar a personagem à prioridade da ação e afirma que tanto a personagem quanto o evento são necessários do ponto de vista lógico e o predomínio de um ou de outro depende do autor. Já o crítico italiano, Cesare Segre aponta o valor de suporte das personagens para as funções narrativas, ou seja, a ação remete às personagens.

Outra questão apontada por Angelo Marchese (1987:187) diz respeito ao fato de que a personagem não está nunca sozinha ou isolada. Ela está sempre envolvida em uma trama de relações e de confrontos, dos quais surgem novas informações sobre a figura que habita o universo narrativo bem como os elementos mais íntimos do “eu” que se apresenta. Observa-se, assim, que a personagem não pode ser reduzida a um mero papel de ação, mas, sim, a um ente complexo em movimento que se transforma freqüentemente durante a narrativa.

³ Idem, p. 41: *‘Depois da vida que tive’ pensou convicta, ‘faz bem um pouco de inocencia’.*

Em toda narrativa, pode-se sempre individuar uma série de relações sentimentais ou psicológicas ou de outro tipo que servem para estabelecer uma união entre as personagens. Pode-se, a partir de uma formalização das relações entre as personagens, tecer algumas observações a respeito de *Gli Indifferenti*, de Alberto Moravia. As cinco personagens encontram-se estreitamente relacionadas entre si. A relação inicial e mais antiga é percebida entre Leo Merumeci e Mariagrazia, para ele, uma relação de interesse e para ela, de amor. Leo pertencia à classe burguesa que prosperava financeiramente, mas não tinha um nome de prestígio para a sociedade como o da família Ardengo, e, por isso, aproximou-se da família. Enquanto a sua relação com Carla é a de desejo por uma jovem que poderia ser a sua filha, já que ele como amante de sua mãe a vira crescer. Esta por sua vez, bem como Michele, nutre uma repulsa pelo amor materno. Para eles, Mariagrazia é uma figura patética que insiste em representar o papel da mãe zelosa pelos filhos. A relação estabelecida entre as figuras masculinas da obra estudada pode ser caracterizada pelo sentimento de ódio e de amor que Michele experimenta por Leo. O jovem sente uma repulsa por Leo, a qual aumenta quando ele descobre que sua irmã é sua amante, mas, ao mesmo tempo, admira a sua riqueza e espera obter alguma ajuda financeira, como um cargo de trabalho. Lisa é a figura intermediária entre as personagens, pois estabelece com todas as personagens uma relação direta uma vez que é amiga da família Ardengo. Ela foi amante de Leo no passado e desperta ainda, o ciúme de Mariagrazia devido a uma possível reconciliação entre os ex-amantes. Quando descobre a relação existente entre Leo e Carla, ela tenta prevenir Carla, mas não consegue interferir. Porém, interessada em Michele, Lisa lhe conta a história como um meio de se aproximar do jovem.

Como se observa, as relações entre as personagens são conflituosas, uma vez que os interesses entre elas estão intimamente relacionados. Angelo Marchese (1985:205) observa que a personagem é uma forma vazia que se completa a medida que a narrativa avança. As personagens *moravianas* são elaboradas pouco a pouco a partir desses conflitos dentro de um processo de descrição interna efetuado por elas.

Bibliografia:

- ASOR ROSA, Alberto. **Storia della Letteratura Italiana**. Firenze: La Nuova Italia, 1986.
- BENJAMIM, Walter. O narrador. In: **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FERRONI, Giulio. **Profilo Storico della Letteratura Italiana**. Vol II. Milano: Einaudi, 2000.
- GUGLIELMI, Guido. L'indifferenza di Moravia. In: **La prosa italiana de Novecento II. Tra romanzo e racconto**. Torino: Einaudi, 1998.
- MARCHESE, Angelo. **L'officina del racconto. Semiotica della narrativa**. Milano: Mondadori, 1987.
- MORAVIA, Alberto. **Gli Indifferenti**. Milano: Bompiani, 2001.